



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

De pontes, conexões e fluxos: uma descrição etnográfica de práticas sociais na comunidade Hizmet no Brasil.

Autoria: Liza Dumovich Barros (sem vínculo)

Essa apresentação visa a discutir como participantes do Movimento Hizmet no Brasil mobilizam práticas sociais no seu empenho em estabelecer uma comunidade no país anfitrião, e apontar para os efeitos que são produzidos durante esse processo. O Movimento Hizmet, também conhecido como Movimento Gülen, é um movimento turco islâmico transnacional sob a autoridade carismática do líder religioso Fethullah Gülen. A palavra turca *hizmet* significa *serviço*, que no contexto em questão adquire um conteúdo religioso. Esse *serviço religioso* possui uma dimensão individual, de formação de si, e uma dimensão coletiva, de construção da comunidade e difusão da visão de mundo de Gülen, o que implica emigrar da Turquia e forjar a sua própria *hicret* (em referência à migração do Profeta Muhammad de Meca para Medina em 622 AD). Apesar de haver uma significativa diversidade de motivações e interesses entre os seguidores de Gülen, se engajar no que eles chamam de *hizmet* significa aderir ao projeto *civilizacional* do seu líder religioso. Em 2015, participantes do Movimento haviam se estabelecido em cerca de 150 países, incluindo o Brasil, onde formam uma comunidade de aproximadamente 300 membros. Uma profunda mudança de conjuntura aconteceu quando, em julho de 2016, o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan acusou seu antigo aliado Fethullah Gülen de ser o mandante da tentativa de golpe fracassada na Turquia. Iniciou-se uma série de medidas contra o líder religioso e seus seguidores, afetando amplamente a situação política, econômica e social do Movimento Hizmet, tanto dentro quanto fora das fronteiras turcas. Perseguição política e ostracismo social levaram muitos participantes a fugir da Turquia. A maioria desses emigrantes forçados, assim como aqueles que emigraram voluntariamente da Turquia antes do golpe fracassado, têm se tornado refugiados ou solicitantes de asilo na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, além de alguns no Brasil. Numa tentativa de entender como se dá o encontro dos membros da comunidade com a sociedade brasileira, sobretudo após o evento crítico de 2016, esse work lança mão de exemplos etnográficos que mostrem discursos e práticas performados por membros da comunidade no seu esforço de interagir e se relacionar com brasileiros, e releva alguns dos efeitos das suas ações e práticas sociais durante esse processo. Enquanto os



representantes da comunidade veem as instituições locais do Hizmet como pontes entre ela e a sociedade brasileira, as mulheres mobilizam outras formas de conexão com agentes sociais locais. Nesse processo, fluxos de ideias, crenças e símbolos permeiam relações sociais e influenciam esse encontro de diferentes formas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: